



Luiz Carlos Sá

Minha (quase) empolgante história: ser ou não ser?!

Episódio III: Eu Protesto! (Continuo contando como a música passou em minha vida e o meu coração se deixou levar)

Naquele triste 1964 eu morava na Tijuca e acabava de completar minha maioridade: primeiro ano de Direito, primeiro carro na mão, primeiras composições no maltratado, mas ainda sonoro, DiGiorgio 36... Minha então namorada era campeã brasileira de natação e recordista dos 100 metros de nado de costas: havíamos acabado de chegar de uma competição no Tijuca Tênis Clube e lanchado na casa dela com direito ao delicioso patê catalão que dona Glória – castiça espanhola de Majorca – costumava fazer para comemorar as seguidas vitórias da filha.

Despedi-me de Petita, cansada do esforço da competição e querendo cama às 6 da tarde. Minha casa era a um quarteirão dali. O dia tinha estado o tempo todo envolto num silêncio estranho que eu atribuíra ao cinzento do céu. Mas quando saí do saguão do edifício para a rua fui surpreendido por uma procissão de caminhões militares transportando soldados em uniformes de campanha. Como os caminhões não parassem de passar, acabei meio que hipnotizado por aquilo e me deixei ficar ali na calçada. De repente, as janelas dos edifícios se encheram de gente. Algumas pessoas penduravam colchas ou bandeiras do Brasil e acenavam para os soldados. Outros, passantes, paravam perto de mim e saudavam a passagem dos caminhões com os punhos erguidos. Uma senhora de seus 50 anos começou a urrar ao meu lado:

- Fora Jango! Abaixo o comunismo!

Deixa eu fazer parênteses aqui. Para começo de conversa, meus interesses nessa época eram, em ordem de importância: tocar e compor, namorar, dirigir meu carro, tomar umas cerve-

jas, sair com os amigos e dormir bastante. Notaram a ausência de alguns itens? Pois é. Eu era um legítimo “prei”, conhecido na classe meio-média de hoje em dia como “playboy”. Assumo total. E me diverti à vera. Acho uma crueldade amadurecer antes do tempo, fecha parênteses. Mas acontece que eu era um playboy do bem, chegado à legalidade. Quando vi aquela mulher berrando do meu lado, senti que alguma coisa não cheirava bem.

- Ei, minha senhora! O que é que está acontecendo?

- A democracia venceu, meu filho! – ela gritou-me de volta, roxa de excitação.

Fiquei raciocinando sobre o que aquilo poderia significar. “Democracia”, pensei, “é Legalidade”. O panorama político andava dividido entre o vice eleito, agora presidente, João Goulart - o Jango – à esquerda, e a UDN, partido à direita, com seus ícones Carlos Lacerda, Magalhães Pinto, Juarez Távora, etc. Mas vencer? Vencer o quê? Era guerra? Por que a mulher gritava “fora Jango” se a democracia vencera?

- Me explica uma coisa, dona... Quem está ganhando o quê?

Ela me olhou quase com compaixão. Quem seria aquele garoto alienado da realidade? Pegou-me pelos ombros e olhou dentro dos meus olhos:

- A democracia, filho! O Jango caiu!

Fiquei besta de vez. Derrubaram o Presidente? Então, que democracia tinha vencido? Resolvi correr para casa. Cheguei esbaforido e fui entrando. Minha mãe estava na janela com algumas amigas do prédio. Acenavam freneticamente para a rua oito andares abaixo:

- Viva a revolução!

Cheguei mais perto. O tal cobertor – não sei de onde tiraram essa idéia! – estava lá, estendido. Fui logo puxando fora:

- Tira isso daí.

Elas nem se abalaram e continuaram dando vivas aos caminhões. Joguei o cobertor no meio da sala e fui pro meu quarto.

Não me perguntem por que fiz isso, sendo – como assumi aí acima – um legítimo playboy burguês. Mas alguma coisa

Como os caminhões não parassem de passar, acabei meio que hipnotizado por aquilo e me deixei ficar ali na calçada. De repente, as janelas dos edifícios se encheram de gente

dentro de mim gritava contra aquele *status quo* baseado em autoritarismo e força bruta. E a partir daquele momento fui caindo progressivamente para a esquerda. Como no meu caso a cabeça musical sempre acompanha o coração emocional, minhas músicas foram pendendo também para o que na época se chamava “música de protesto”: canções que afrontavam a ditadura.

No ano seguinte eu já estava no miolo da ‘bufunfa’ no *Samba Pedre Passagem*, um espetáculo dirigido por três ícones da esquerda de 60, integrantes do histórico Grupo Opinião: Oduvaldo Viana Filho, o Vianinha, Armando Costa e João das

Como no meu caso a cabeça musical sempre acompanha o coração emocional, minhas músicas foram pendendo também para o que na época se chamava “música de protesto”

Neves. Eu fazia parte de uma união de cantores-compositores estreantes juntos pela mesma ideologia antiditatorial, o Grupo Mensagem. Eu, Sidney Miller, o futuro cineasta e então letrista Paulo Thiago, a futura-quarteto-em-Cy Sonia Ferreira e Marco Antonio Menezes tínhamos o privilégio de repartir o palco com nossos maiores ídolos de gerações anteriores: Aracy de Almeida (a maior intérprete possível de Noel Rosa), Baden Powell, Ismael Silva e dezenas de outros sambistas de raiz escolhidos a dedo pelo então cronista e jornalista Sérgio Cabral, pai. O show foi um sucesso e ficou meses em cartaz. Minha convivência com essa gente moldou de vez todo o meu futuro como músico e pessoa.

Nosso sucesso como “compositores de protesto” não nos levava a lugar nenhum no mercado musical. Pelo contrário, inauguramos o adjetivo “malditos”, que nos definia como alguma coisa fora de questão quanto à inclusão em paradas de sucesso e que tais. Por outro lado, gozávamos de grande prestígio na ‘intelectuália’ cabocla, o que nos colocava em evidência na mídia. Assim foi que um belo dia me achei fazendo parte de um concerto histórico na Sala Cecília Meirelles, ao lado de Paulinho da Viola, Sérgio Ricardo e Sidney Miller. Para que a coisa seja bem compreendida, seria o equivalente hoje a um estreante ‘cantautor’ – como dizem os latinos, de gente que canta suas próprias composições – fazer um show ao lado de Chico Buarque, Milton Nascimento e Caetano

Veloso. Fui ao céu e voltei, enquanto cantava meu radical *Cantiga Cabra do Cão*, feito em parceria com o teatrólogo e roteirista Chico de Assis. Aplicávamos na letra um recurso comum na época da ditadura: sublimar a opressão militar com eufemismos de escravatura e cangaço:

“Mas hoje sou cangaceiro,
Mesmo que tudo secar
Vou comer o mundo inteiro
Invadindo a capitá...”

Mas como nada nunca é grátis, eu vivia um dilema: minha família é lotada de militares. Meu padrinho e primo é general. Meu cunhado era coronel, eu tinha primos em escolas militares e por aí adiante. Nossos Natais se transformaram em discussões infundáveis sobre os males e as benesses da ditadura, dividindo nossa família em duas partes, os pró e os contra. Essa aberração tipo guerra civil ficou clara para mim por causa de um incidente no Teatro Casa Grande, quando eu, Guarabyra – que então ainda não era meu parceiro de música – e Sidney Miller fomos chamados para fazer a terça-feira dos “novos”. Na estréia, convidei os padrinhos de Neuzinha, minha namorada da época: Dirce e seu marido, o coronel Berenhauer, ex-combatente da FEB na Segunda Guerra. Berém, sessentão, era figura interessantíssima, grande papo. Éramos bons companheiros na medida em que evitávamos diplomaticamente qualquer conversa política entre as dúzias de cervejas que consumíamos juntos na praia, entre a Farme e a então Montenegro. Acontece que no Casa Grande nós não perdoávamos. Eu, Sidney e Guarabyra largávamos o pau à vontade. Então, cantei a minha *Dona Esperança*, uma maneira lateral de meter a lenha no Exército falando sobre o desamparo da esposa de um pracinha morto na guerra:

“Dona Esperança vai ganhar
Uma medalha post-mortem pra se consolar
Não vai viver com o dinheiro da pensão
E a medalha post-mortem não compra feijão...”

Quando voltei do palco para a mesa, Berém não estava mais lá. Dirce, sem graça, tentou justificar:

- Ele é assim mesmo...

Mas Neuzinha foi menos piedosa:

-Ele ficou p...!

Ali, para além da luta contra a ditadura, percebi que por muito tempo e por muitas e diversas razões seríamos um país partido em dois. E descobri também quão fácil pode ser para dois amigos se verem em campos opostos. Mas aí surgiram os Beatles... 